



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6561 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT24 - Educação e Arte

AUDIODESCRIÇÃO NO TEATRO: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR ESTÉTICO CONSIDERANDO A NÃO VIDÊNCIA

Jefferson Fernandes Alves - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

AUDIODESCRIÇÃO NO TEATRO: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM OLHAR ESTÉTICO CONSIDERANDO A NÃO VIDÊNCIA

1 EM FAVOR DA EXPANSÃO DA CENA TEATRAL

O presente trabalho procura focar a interface audiodescrição/teatro, considerando a perspectiva da mediação teatral, tendo como enfoque uma reflexão problematizadora sobre essa interface, levando em conta os estudos realizados nesse campo. Tal empreendimento reflexivo está inserido na pesquisa “Acessibilidade, Deficiência e Educação: processos tradutórios em contextos artísticos, culturais e educacionais”, a qual abriga as orientações desenvolvidas nos contextos das pós-graduações em Educação e Artes Cênicas da UFRN. Tal pesquisa, de modo geral, assume como propósito o desencadeamento de processos de acessibilidade comunicacional, tendo em vista contextos inclusivos em ambientes educacionais e culturais, tendo em foco as pessoas com deficiência como leitoras e produtoras de sentidos. Do ponto de vista metodológico, orientamo-nos pela abordagem da pesquisa-intervenção (JOBIM E SOUZA, 2011), calcada nos pressupostos bakhtinianos (BAKHTIN, 2017) que concebem a construção do conhecimento como uma interação entre sujeitos possibilitada pela linguagem, portanto, intrinsecamente dialógica, com contornos interventivos sobre a própria realidade e sobre os sujeitos que a problematizam. Nesse sentido, no recorte desse trabalho, estabelecemos uma reflexão teórica sobre a interface audiodescrição/teatro, a partir do levantamento de estudos que se dedicam à essa interface. Para tanto, empreendemos um levantamento bibliográfico no banco de teses e dissertações da CAPES, bem como uma investigação exploratória em periódicos e livros nas áreas de educação e artes cênicas, tendo como recorte temporal o período de 2012 a 2019. Do ponto de vista da estrutura, o presente trabalho procura abordar, na seção 2. **“Interface entre audiodescrição e teatro”**, uma síntese conceitual sobre audiodescrição, deficiência, acessibilidade e mediação teatral. Em seguida, evocamos os estudos identificados na interface audiodescrição/teatro Na seção 3 - **“A recepção teatral e a não vidência: pontos convertentes e singulares dos estudos”**, centramos nossa reflexão nos pontos convergentes e singulares dos estudos identificados. E, por fim, na última seção, **“Audiodescrição e teatro: por uma imersão necessária”**, assinalaremos a importância de se continuar

investigando a abordagem estética da audiodescrição orientada para o teatro, a partir de um movimento imersivo no próprio campo do teatro.

2 A INTERFACE ENTRE AUDIODESCRIÇÃO E TEATRO

2.1 Da audiodescrição à mediação teatral: esclarecendo os fios

Como procedimento que traduz as imagens e os aspectos não verbais por meio de palavras, a audiodescrição surge, publicamente, como procedimento de acessibilidade, em 1981, nos Estados Unidos (em Washington), no campo teatral. No Brasil, as primeiras experiências ocorreram em 1999, no contexto do projeto Filme narrado, realizado pelo Centro Cultural Luís Braille, em Campinas/SP. Gradativamente, foi sendo adotada como uma modalidade de tradução intersemiótica ou tecnologia assistiva no mundo inteiro, cujos parâmetros de neutralidade e de objetividade foram sendo questionados, especialmente, no campo da arte e da cultura, levando em conta, por um lado, a própria natureza poética destes campos e, por outro, uma compreensão de linguagem na qual se postula que a neutralidade e a objetividade estão subordinados ao caráter ideológico da palavra. (BAKHTIN, 2017). Tal perspectiva crítica em relação à audiodescrição nos permite compreender a acessibilidade para além da democratização de bens simbólicos, incorporando as diferenças culturais como orientadoras dos rearranjos espaço-temporais em favor da participação plena daqueles que não se enquadram nos padrões de normalidade social. E isso nos remete à compreensão da deficiência não como falta, pecado ou incapacidade, mas como uma construção social que enquadra os seres humanos a partir de como a sociedade tipifica os seus integrantes, orientando-se pela invenção histórica da normalidade. No caso específico da deficiência visual, a qual compreende pessoas cegas e com baixa visão, a restrição total ou parcial da visão não define essas pessoas. Em função disso, nos orientamos pela reflexão de Bavarcar (2003) em que a cegueira pode ser compreendida como uma forma peculiar de ser e de estar no mundo, cujas provocações estéticas podem desencadear um olhar tiresiano que, ao invés de se orientar pela acuidade, pode desencadear formas diferentes de vislumbrar o mundo pelo jogo claro/escuro, pela vidência/não vidência. Essa compreensão da cegueira nos ajuda a entender a audiodescrição como mediação, em decorrência de que os processos de semantização humana pressupõem o agenciamento de signos em cadeias semióticas infinitas. No caso do teatro, a mediação nos faz pensar sobre a formação do espectador uma vez que, conforme Desgranges (2017), não basta pôr-se diante do espetáculo, mas é preciso participar intimamente desse encontro, estreitando os laços afetivos, participando ativamente por intermédio da atribuição de sentidos e mobilizando afetos e experiências. Desse modo, não estamos falando em formação de público, o qual se reduz ao acesso físico ao teatro, mas referimo-nos à formação de espectador, na medida em que são construídas condições pedagógicas e estéticas de mediação, por meio da qual esse espectador aprenda e apreenda as artes cênicas, participando do encontro cênico, como exercício comunitário de ser espectador (GUÈNOUN, 2003).

2.2 Audiodescrição para o teatro: um olhar sobre os estudos acadêmicos no Brasil

No Brasil, verifica-se que a audiodescrição de espetáculos teatrais é uma prática acessível que vai, gradativamente, expandindo-se. No entanto, do ponto de vista da investigação científica, constata-se, ainda, a existência de poucos estudos. Em nossa revisão de literatura, no contexto brasileiro, identificamos apenas 04 dissertações de mestrado (NÓBREGA, 2012; LEÃO, 2012; NASCIMENTO, 2017; SCHWARTZ, 2019). Tais trabalhos, de uma forma ou de outra, procuram enfrentar o desafio da audiodescrição no teatro, considerando o direito das pessoas com deficiência de fruïrem a obra cênica acessível. Andreza Nóbrega (2012), em seu estudo de mestrado “Caminhos para inclusão: uma reflexão sobre áudio-descrição no teatro infanto-

juvenil”, defendido no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE (Recife/PE), assumiu como propósito analisar as contribuições da audiodescrição para a fruição do espetáculo teatral “Nem Sempre Lila”. Do ponto de vista metodológico, define-se como um estudo de caso que compreendeu o processo de audiodescrição do mencionado espetáculo e sua respectiva recepção por parte de uma plateia, a qual contemplava pessoas com deficiência visual, as quais foram entrevistadas após a fruição do espetáculo, na perspectiva de verificar se o agenciamento da audiodescrição permitiu aos espectadores com deficiência visual, a fruição autônoma da obra, a partir da apreensão dos elementos não verbais da cena. “Além de confirmarem os benefícios do recurso, os sujeitos deste estudo expressaram o sentimento de acolhimento ao serem reconhecidos e valorizados enquanto ser humano participante de ações comuns a todos, como ir ao teatro.” (NÓBREGA, 2012, p. 9). O estudo “Teatro acessível para crianças com deficiência visual: audiodescrição de *A Vaca Lelé*”, defendido no Programa de Pós-Graduação de Linguística Aplicada da UECE (Fortaleza/CE), assume como propósito a descrição do processo de audiodescrição do espetáculo infantil a “A Vaca Lelé”, a partir da roteirização referenciada em parâmetros oriundos da audiodescrição para o cinema adaptada para o teatro. Assumindo-se como uma pesquisa descritivo-exploratória, procurou apreender as percepções de crianças com deficiência durante (registro videográfico) e após (conversa) a fruição do espetáculo, na perspectiva de dimensionar a importância e a efetividade da audiodescrição na acessibilidade do espetáculo teatral. Segundo Leão (2012, p. 7): “As reações das crianças no decorrer da apresentação comprovaram a eficiência do roteiro de AD. Os resultados sugerem que um espetáculo com AD planejada desde a sua concepção favorecerá uma compreensão mais ampla, tanto da obra, como do fazer teatral.” Karol Nascimento, por sua vez, em seu estudo de mestrado “Audiodescrição e mediação teatral: o processo de acessibilidade do espetáculo de janelas e luas”, defendido em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN (Natal/RN), propõe o desenvolvimento de estratégia de mediação teatral, tendo como referência a audiodescrição e tomando como referência para o estudo o espetáculo “De Janelas e Luas”. Vinculando tal estudo, explicitamente, à mediação teatral, lança mão, também, de oficinas a partir da pedagogia do espectador proposta por Desgranges (2017), bem como procedimentos de exploração tátil e apresentação do espetáculo acessível no contexto escolar. Metodologicamente, a pesquisa se define como pesquisa-intervenção, tendo como campo de atuação uma turma do 9º ano, na qual havia 2 alunos com deficiência visual, de uma escola pública estadual, situada na cidade de Natal/RN. Ao afirmar que a abordagem da audiodescrição a partir de um enfoque pedagógico de mediação teatral permitiu a expansão do encontro teatral para que estudantes com e sem deficiência visual pudessem, dele, participar, Nascimento (2017, p. 7) conclui: “Se o teatro se constitui como a arte do encontro, a AD como tradução intersemiótica, consiste em uma força mediadora que amplia a comunhão cênica, no aqui e agora da manifestação teatral.” Por fim, a pesquisa de mestrado de Letícia Schwartz, “Através do prisma: a audiodescrição como provocação à percepção do espectador com deficiência visual”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS (Porto Alegre/RS), assume como objetivos a investigação do potencial provocador da audiodescrição em proporcionar uma imersão do espectador com deficiência visual na obra teatral, considerando a aproximação entre a audiodescrição e a proposta cênica, sobretudo, no que se refere ao teatro contemporâneo. Centrando-se no espetáculo teatral “Inimigos na Casa de Bonecas”, o estudo enfoca as dimensões do processo de audiodescrição e recepção da apresentação acessível, contando com a participação de 12 espectadores com deficiência visual, tendo como enfoque metodológico a pesquisa se enquadraria em uma abordagem descritivo-exploratória. Além de utilizar parâmetros de audiodescrição para obras de arte, lança mão de referências próprias do teatro contemporâneo, tendo como referência Sarrazac (2013) e Fischer-Lichte (2008). Levando em conta as percepções dos espectadores com deficiência visual em relação ao processo construído e a própria natureza do estudo, Schwartz (2019, p. 9) aponta para os desafios e as possibilidades de promover a imersão do espectador com deficiência visual no espetáculo contemporâneo, a partir da mobilização de um espectro de

percepções e de leituras múltiplas.

3 A RECEPÇÃO TEATRAL E A NÃO VIDÊNCIA: PONTOS CONVERGENTES E SINGULARES DOS ESTUDOS

É preciso explicitar alguns aspectos que podem nos indicar recorrências e singularidades que atravessam as pesquisas já referidas. Verifica-se que há uma variedade de áreas do conhecimento que abrigam os estudos, a partir dos programas de pós-graduação que os acolheram, indicando a dimensão multi/interdisciplinar da temática da acessibilidade. Assim, temos 02 estudos em Educação (NÓBREGA, 2012; NASCIMENTO, 2017), 01 estudo em Linguística Aplicada (LEÃO, 2012) e 01 estudo em Artes Cênicas (SCHWARTZ, 2019) permitindo, também, identificar a distribuição territorial de tais pesquisas, de tal modo que se constata uma concentração no Nordeste (03 estudos), figurando apenas 01 trabalho no Sul do país. Do ponto de vista do caráter tradutório da audiodescrição, nota-se que Leão (2012) situa sua pesquisa no contexto dos Estudos da Tradução; Nóbrega (2012) enfatiza a dimensão educacional explicitando a vertente da audiodescrição associada à tecnologia assistiva, embora faça articulação, também com a recepção teatral, a partir da evocação da abordagem da pedagogia das artes cênicas; e Nascimento (2017) e Schwartz (2019) assumem o viés da tradução intersemiótica com ênfase na recepção teatral, sendo que Nascimento (2017) faz explícita relação com o campo da pedagogia das artes cênicas. Ademais, verifica-se que as pesquisadoras são mulheres, atrizes que, a partir da atuação na cena teatral e das experiências formativas no contexto da academia ou fora dela, aproximaram-se da audiodescrição, sendo que 3 delas assumem a audiodescrição, também, como campo de atuação profissional. (Bruna Leão, Andreza Nóbrega e Leticia Schwartz). Nesse sentido, é pertinente assinalar que Bruna Leão e Andreza Nóbrega atuavam nos respectivos espetáculos que áudio-descreveram. Além disso, do ponto de vista dos espetáculos, podemos constatar que dois deles dirigiam-se explicitamente para um público infanto-juvenil (NÓBREGA, 2012; LEÃO, 2012) e os outros dois, orientavam-se por uma recepção de espectadores adultos (NASCIMENTO, 2017; SCHWARTZ, 2019). Ademais, os eixos territoriais, de gênero e de atuação cênica são indicadores que suscitam outras reflexões. No entanto, podemos antecipar que, no caso da atuação cênica das pesquisadoras, trata-se de um envolvimento a partir de um “contágio” em decorrência das aproximações e da emergência da temática nos campos da arte e da cultura, por conta, inclusive, das políticas públicas e dos anteparos legais em favor dos direitos culturais das pessoas com deficiência. Tais estudos, de um modo geral, procuram abordar o processo tradutório da audiodescrição em relação ao espetáculo teatral, assinalando procedimentos e diretrizes que norteiam tal processo. Nesse aspecto, Nóbrega (2012) é mais explícita em descortinar todas as etapas e fases da audiodescrição, chegando até a discutir aspectos técnicos de tal processo, como a esfera da produção. Além disso, é estruturante em tais trabalhos a recepção do ponto de vista das pessoas com deficiência visual que fruíram os espetáculos com audiodescrição. Tal aspecto fundamenta o processo de validação dos estudos, bem como, converte-se e um componente fundante da respectiva coerência investigativa, uma vez que tais estudos se assentam, em uma análise, na perspectiva da fruição teatral. A despeito disso, é preciso assinalar que essa questão da recepção teatral ganha maior relevância nos estudos de Andreza (2012), Nascimento (2017) e Schwartz (2019). Embora estejamos diante de um número reduzido de estudos, o intervalo de 2012 para 2017/2019 aponta para um deslocamento do foco investigativo na interface audiodescrição/teatro. Os dois primeiros estudos (NÓBREGA, 2012; LEÃO, 2012) preocupavam-se em reiterar, cientificamente, a pertinência do agenciamento da audiodescrição como mecanismo de acessibilidade do espetáculo teatral. Já as duas últimas pesquisas (NASCIMENTO, 2017; SCHWARTZ, 2019), a partir de referências explícitas da recepção teatral (mesmo distintas), procuraram realçar a dimensão estética da audiodescrição, a partir da evocação de aportes teóricos e metodológicos da própria área teatral. Esse percurso assumido pela interface audiodescrição/teatro nos põe diante de um campo fértil de estudos

tendo como referência a perspectiva da não vidência, ampliando os próprios limites da audiodescrição, conforme nos sugere Schwartz (2019, p. 18): “Talvez seja preciso subverter normas, pulsar com a obra e, dessa forma, estimular o espectador a exercitar níveis mais densos de sintonia.”

4 AUDIODESCRIÇÃO E TEATRO: POR UMA IMERSÃO NECESSÁRIA

O campo da arte, por intermédio de suas diversas linguagens, vem provocando reflexões que se orientam pela perspectiva de superação ou de ampliação dos parâmetros orientadores da audiodescrição assentados na abordagem técnica e instrumental. No campo teatral, destacam-se as reflexões de Holland (2009) em torno dessa questão no sentido de se afastar das proposições de neutralidade, assinalando, inclusive, a dimensão da subjetividade intrínseca ao processo tradutório de espetáculos teatrais. Seguindo essa vertente no campo da audiodescrição, Schwartz (2019) encontra no teatro contemporâneo um desafio ainda maior no sentido de provocar processos imersivos dos espectadores com deficiência visual em espetáculos que rasuram a fabulação, a configuração das personagens por parte do ator/atriz e a mobilização de múltiplos estímulos sensoriais. Ademais, a narrativa, frequentemente, configura-se por movimentos não lineares, fragmentados e, por vezes, simultâneos, cujos desenhos cênicos, muitas vezes, procuram romper a separação física palco/plateia. Essa potência imersiva nos permite desdobrar as provocações de Schwartz (2019) no sentido de que a incorporação teórico-metodológica de matrizes do campo do teatro empreendidas, também, por Nascimento (2017) pode contribuir com a expansão tradutória da audiodescrição. Os dois estudos mencionados, cada um à sua maneira, orientaram-se por essa expansão. Nesse sentido, uma imersão no universo epistêmico da arte teatral (ou mesmo das artes cênicas) pode auxiliar nesse esforço de maior articulação estética da audiodescrição em relação ao espetáculo. E isso pode ser potente tanto para a vertente contemporânea, como para a vertente moderna da cena teatral. Tal imersão epistêmica não pode se apartar de uma abordagem multissensorial que permita o descentramento da dimensão visuocêntrica do teatro e da própria audiodescrição, a partir da potência inventiva da cegueira como provocação estética.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- BAVCAR, Evgen. Um outro olhar. In: TESSLER, Elida; BANDEIRA, João. **Memória do Brasil**: Evgen Bavcar. São Paulo: Cosac&Naify, 2003
- DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do teatro**: provocação e dialogismo. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.
- FISCHER-LICHTE, Erika. The performative generation of materiality. *In* **The Transformative Power of Performance**: a new aesthetics. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2008. Cap. 4, p. 75-137.
- GUÉNOUN, Denis. **A exibição das palavras**: uma idéia (política) do teatro. Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto, 2003.
- HOLLAND, Andrew. Audio Description in the Theatre and the Visual Arts: images into words. *In* DÍAZ CINTAS, Jorge; ANDERMAN, Gunilla (Ed.). **Audiovisual Translation**: Language Transfer on Screen. London: Palgrave Macmillan, 2009, p. 170-185.
- JOBIM E SOUZA, Solange. Mikhail Bakhtin e as ciências humanas: sobre o ato de pesquisar. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Escola, tecnologias digitais e cinema**. Juiz de

Fora/MG: Ed. da UFJF, 2011, p. 35-44.

LEÃO, Bruna Alves. **Teatro acessível para crianças com deficiência visual** : a audiodescrição de “A vaca Lelé”. Mestrado. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/UECE, 2012.

NASCIMENTO, Anna Karolina Alves do. **Audiodescrição e mediação teatral: o processo de acessibilidade do espetáculo De janelas e luas**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

NÓBREGA, Andreza. **Caminhos para inclusão: uma reflexão sobre áudio-descrição no teatro infanto-juvenil**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SARRAZAC, Jean-Pierre (Org.). **Léxico do Drama Moderno e Contemporâneo**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SCHWARTZ, Letícia. **Através do prisma**: a audiodescrição como provocação à percepção do espectador com deficiência visual. Mestrado (Dissertação). 2019. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Instituto de Artes/UFRGS, 2019.

Palavras-chave: audiodescrição; deficiência visual; recepção teatral